



## Os cuidados nas fases da transformação da mulher kaiowa<sup>1</sup>

Tatiana Sanches<sup>2</sup>

### Introdução

Na primeira menstruação da moça kaiowa é importante contar para a mãe. A minha pesquisa é para trazer essa tradição e todas as restrições alimentares e comunicar a escola indígena para as moças adolescentes do que é preciso. Também é preciso muito que a mãe seja informada e mediada para saber os cuidados e para ter vida saudável, depois de se transformar em uma mulher.

Para nós, mulheres kaiowa, depois da primeira menstruação há uma fase de conhecimento, de transformação em uma mulher. Essa primeira menstruação é para saber como viver e conviver com isso e como ter cuidados quando estamos nessa situação. Hoje em dia as moças já não contam mais para suas mães quando ficam menstruadas e isso prejudica a saúde da mulher. Essa pesquisa é importante para ajudar as moças a não se esconderem das mães.

Para a etnia kaiowa, as moças de hoje em dia escondem porque, antigamente, a mãe ou a avó maternas cortavam o cabelo da moça, quando estavam no primeiro procedimento da menstruação. Se não contar para a mãe, é difícil saber os cuidados, então já vêm dores de cabeça, tontura e epilepsia. Isso acontece se esconder da mãe. A mãe informa tudo isso e os cuidados importantes no início da menstruação. A mãe cuida e indica remédios, comida e reza, quando está no início da menstruação e informa todos os cuidados durante o cuidar da moça.

---

<sup>1</sup> Esta comunicação é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso em desenvolvimento nas Terras Indígenas Jaguapiré, em Tacuru (MS), e Pirajuvy, em Paranhos (MS), sob orientação da professora Rosa Sebastiana Colman (FAIND/UFGD).

<sup>2</sup> Acadêmica de Ciências Humanas da Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu (FAIND/UFGD); Terra Indígena Pirajuvy, Paranhos/MS ó Brasil; e-mail: [tatianasanchesteko@gmail.com](mailto:tatianasanchesteko@gmail.com)

O objetivo da pesquisa que estou fazendo nas Terras Indígenas Jaguapiré, em Tacuru (MS), e Pirajuvy, em Paranhos (MS), onde moro, é compreender como e por que são realizados os procedimentos rituais da primeira menstruação das mulheres kaiowa e guarani. Busco trazer essa tradição na minha comunidade e levar essa informação para a escola indígena na minha aldeia. Para isso, é preciso identificar a intensidade da realização das práticas rituais da primeira menstruação, compreender quais os procedimentos utilizados durante esses rituais, refletir sobre o que muda na vida das mulheres quando estas práticas são realizadas e compreender o porquê da realização dessas práticas.

Pesquisando e estudando em diálogo com a minha parentela, estou buscando saber mais sobre as mulheres kaiowa e guarani. Minhas conversas principais têm sido com minha avó materna, Roberta Ximenes, que é Kaiowa; com a minha mãe, Ramona Ximenes, também Kaiowa; e com a minha sogra, Martina Morales Oliveira, que é Guarani. Começo com a história de minha mãe e de como ela era tratada na primeira menstruação dela.

### Os testes de minha mãe

A minha mãe cresceu e aprendeu com a avó dela, Tomazia Vargas, minha bisavó. No início da menstruação da minha mãe, a avó dela trancou ela no quarto, a portas fechadas, durante três dias. Não era permitido sair e nem olhar escondido ó ou falar com pessoas que estavam lá fora (*ñeñogatu*). A minha mãe conta que, nesses três dias, é importante se guardar para não ser amaldiçoada por todas as coisas que andam pelas matas e campos, tanto aquelas nós vemos, quanto aquelas que não vemos.

Segundo a minha mãe, hoje em dia as adolescentes não acreditam mais nisso, nem têm mais medo: ãMas eu tinha muito medo, porque eu acreditoö, ela contou para mim. ãÀ noite eu ouvia Saci assobiando, rodando ao redor da casa e a vovó dizia para mim: ¶Para Saci é assim: o Saci sabe que você... está querendo *jepota*ö. Então a minha bisavó rezava nela e dizia que o Saci estava querendo namorar e levá-la embora para Karaguatatyre.

Minha mãe também se lembra da onça querendo *jepota* nela. Ela ouvia a onça se fazendo de *ynambu* de campo e minha avó explicava que não era *ybambu*, mas *xipocaø*<sup>3</sup> querendo *jepota* nela também.

Depois da onça, foi *jyø*, o arco-íris. Deu uma garoada lá fora e perto de casa passava um rio de cachoeira. Ali a vovó falava: ãOlha lá o *jyø*, querendo *jepota* tambémö. E a vovó rezava. Mandava passar na cabeça remédio que tinha cheiro bem ruim. Ela diz: ãEu sentia

---

<sup>3</sup> *Xipocaø* é o nome usado por nós, Kaiowa, para se referir à onça. Quando a moça está nesse processo, a gente não pode chamar de *jaguarate*, nem de onça, só de *xipocaø* ou de *tío*. Assim, segundo minha mãe, a onça começa a ficar envergonhada e dá respeito.

isso, mas para minha avó não. Para mim eu sentia esse cheiro assim porque estava na fase. Depois me acostumei e senti que o cheiro não era ruim. Aquele que estava querendo *jepota* me fazia sentir cheiro ruimö. Minha mãe explica que o *jyöy* não gosta do cheiro dos remédios: *yryvu kaça, ysy* e *cedro* afastam *jepotaseva*, aquele que quer *jepota*.

õEla lavava minha cabeça de manhã cedo e à noite, quando o sol se punha, e mandava eu *jovasa*<sup>4</sup> bem cedo, quando o sol estava saindo e quando o sol estava se pondo, para afastar de mim *jepotasevaö* (Ramona Ximenes, 2019)

### **Para não *jepotar***

Conversando com minha avó, Roberta Ximenes, mãe da minha mãe, aprendi sobre as mudanças na vida da mulher depois da primeira menstruação. Ela explica que é preciso cumprir várias regras para não ser amaldiçoada por todas as coisas da natureza que nós não vemos ó como *pyt mbory*, *kaçaguyjara*, *saci* e outros ó e também aquelas que vemos ó como onça, cobra, lagarto.

Uma das regras a cumprir é cortar o cabelo para não cair depois de 20 ou 30 anos e para ter o cabelo bonito. Isso é contado pela minha avó, que é Kaiowa, mas também pela minha sogra, Martina Morales Oliveira, que é Guarani; elas dizem a mesma coisa sobre o corte de cabelo na primeira menstruação.

Outra regra, para os Kaiowa e Guarani, é guardar a moça por três dias ou mais; isso é importante para não ser amaldiçoada, para não *jepotar*. Qualquer tipo de coisa, como *ysö* (lagarta), Saci Xaterê ou onça, pode se mostrar para a moça como gente, como pessoa, para *jepotar* nela. Para que isso não aconteça, a mãe ou a avó guarda a moça dentro de casa. As mulheres kaiowa fazem *ñemboøe* (*rezas*) na moça para essas coisas não se aproximarem dela. Rezam também para que nada apareça de ruim nos sonhos delas e para afastar todas as coisas ruins.

Como ouvi de minha mãe, minha avó explica que existem remédios com cheiro ruim, mas que são obrigatórios e devem ser passados na cabeça e usados para lavar o rosto, de manhã cedo e na hora de dormir. Isso faz dormir bem e serve para não deixar se aproximar *maøetirö*, que são *mbaøevai*, coisas ruins. Esses remédios, como *yryvu kaça, ysy* e *cedro*, evitam tontura, dores de cabeça e não deixam pegar epilepsia.

Na hora de se alimentar, carne não é completamente proibida, mas tem que rezar na comida e tem uma regra que é obrigatória cumprir: para comer carne, tem que assar bem, comer só um pedacinho, mastigar bem e jogar no fogo. Assim que joga a carne no fogo, tem

---

<sup>4</sup> *Jovasa* é um movimento feito com as mãos que todos os meus parentes sempre fazem, como proteção contra todas coisas ruins.

que repetir as seguintes palavras: *õMbaøe kañy kañyö*. Isso é para não pegar epilepsia, disse minha avó. Na etnia Guarani, segundo minha sogra, também se faz isso.

Também é importante evitar sal na comida: ele faz mal para os dentes e faz eles caírem muito cedo. Comida boa mesmo é *kumanda*, *mandiø* assada, batata-doce, melancia, banana; das carnes, são boas as de *akuti* e *ynambu*, porque têm a carne branca, sem muito sangue. A batata-doce e a mandioca já têm gosto doce, naturalmente.

Quando a moça está guardada, ela aprende regras, cuidados e deveres da casa. Para ser uma boa mulher, *ohechakuaa iguapa haguã*, quando está na primeira menstruação a moça tem que acordar bem cedo, perto das 4h da manhã; preparar chimarrão, varrer a casa, cozinhar mandioca e *kumanda*, e, em seguida, lavar os pratos até as 8h da manhã. Tem que deixar tudo preparado e manter os remédios amarrados na cabeça ó *iñakã pyt ha reheve*. Quando as visitas começam a chegar na casa a moça já deve entrar no quarto, para costurar roupas. Durante todo esse procedimento, todos os deveres da casa ela deve fazer. Isso é uma preparação para como ser mulher e para não ser preguiçosa dali para frente.

### **Conclusão**

Estou fazendo essa pesquisa em duas aldeias e vou terminar meu trabalho de campo em fevereiro de 2020. Até lá, espero conseguir chegar a mais conhecimentos sobre os cuidados nas fases da transformação da mulher kaiowa e, no futuro, conseguir trazer esses conhecimentos para a escola da minha comunidade, ajudando a informar as jovens sobre esses processos.

### **Bibliografia**

SERAGUZA, Lauriene. *Cosmos, corpos e mulheres Kaiowa e Guarani. De Aña a Kuña*. 2013. 196p. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Dourados: UFGD.